

Da nascente à foz do Velhas

Expedição percorre todo o rio e une moradores da bacia pela recuperação de nossas águas.

Páginas 8 e 9

Eventos

Escolas e grupos folclóricos fazem homenagens aos expedicionários em todas as paradas da viagem.

Página 12

Equipe

Organização e apoio à descida do Velhas envolve trabalho de mais de 70 pessoas.

Página 10

São Francisco

Projeto de transposição pode comprometer fornecimentos de energia e não solucionar a seca.

Página 15



Editorial

Rumo a novos tempos

A Expedição foi deslizando com timidez e muita coragem pela lâmina d'água desconhecida do Rio das Velhas, perfazendo seus integrais 761 quilômetros, de Ouro Preto ao Rio São Francisco, transformando a terceira margem do rio num palco iluminado de informações, entusiasmo, união e discussões sobre a grande obra de revitalização. Uma obra que se constrói, sobretudo, dentro de nossa cabeça, construindo nova mentalidade, desculpem-nos os engenheiros e outros técnicos.

Ela foi o maior evento, até hoje, protagonizado pelo Projeto Manuelzão, e marcou, definitivamente, sua fusão com o povo, no calor da emoção de cada recepção nos barrancos, nos casarões de antigas fazendas, nas pontes e nas estradas. Ela ficará para sempre registrada na história da luta árdua pela recuperação do rio que nunca poderia ter sido agredido como foi, refletindo um comportamento civilizatório que trabalhamos para virar a página.

Com a Expedição, o Projeto Manuelzão rompeu os limites naturais de um movimento iniciado por professores da UFMG, tornando-se patrimônio assumido por toda a população desta bacia hidrográfica, fazendeiros, empresários, setores governamentais, sociedade civil organizada. Procuramos levar ao povo os benefícios de uma academia sintonizada com os interesses nacionais e universais, tornando a pesquisa, a extensão e o ensino fatores relevantes de encontro entre a sociedade e a universidade.

A Expedição assumiu caráter profético, anunciando e denunciando desvarios havidos, propondo caminhos de realizarmos a utopia possível. A volta dos peixes às águas da bacia e a recuperação e preservação da biodiversidade natural dos ecossistemas regionais nos trarão de volta às canoas e aos mergulhos, tornando a água útil às populações e aos empreendimentos econômicos, realizando desejos.

Na "Carta da Expedição", documento entregue ao governador Aécio Neves e ao conjunto do secretariado da prefeitura de Belo Horizonte, na carreta de

recepção aos canoieiros pela Avenida Afonso Pena, frisamos nosso esforço para que, no máximo em 2010, possamos pescar, navegar e mergulhar no Rio das Velhas, entre Sabará e Santa Luzia, seu trecho mais poluído. Nossas vacas e cavalos vão beber desta água sem adoecer, e nossas crianças vão poder nadar. Basta, para isso, completar a construção – e fazer operar com 90% de qualidade – as estações de tratamento de esgoto (ETE) do Arrudas e do Onça, planejadas para receber todos os esgotos dos quase 2,5 milhões de habitantes da capital e, além disso, completar a obra com as ETEs de Itabirito, Nova Lima, Sabará, Santa Luzia, Sete Lagoas e Curvelo, para citar os focos de maior poder poluidor.

Acrescente-se a essas medidas a aplicação da obrigatoriedade de tratamento dos efluentes industriais líquidos, o incremento da compostagem e da reciclagem do lixo, com base na coleta binária porta a porta, de secos e molhados, a reversão do processo de desmatamento, erosão, uso e ocupação indevidos do solo urbano e rural, com novo manejo agro-silvo-pastoril e minerário, e fim das canalizações de córregos urbanos.

A Expedição deixou clara uma constatação: o Projeto Manuelzão agora poderá ser outro, ainda melhor, dependendo do uso que coletivamente fizemos desta vitória

e da energia em recriá-lo, em cada momento, para que ele seja sempre instituinte, e não se institucionalize jamais. Temos a decisão de continuar ocupando o leito de nossos rios, em atividades esportivas, de mobilização social e de monitoramento. O momento é propício para convidar universidades, empresas, prefeituras, outros setores governamentais, associações comunitárias representantes de interesses difusos na bacia, ONGs e outras entidades a virem se integrar neste movimento crescente e bem sucedido, mas que ainda tem muitos obstáculos que poderemos superar juntos, criando um bom exemplo prático de atuação em nosso país. É nossa forma de ajudar o Brasil a encontrar o seu caminho.

“Com a Expedição, o Projeto Manuelzão rompeu os limites naturais de um movimento iniciado por professores da UFMG, tornando-se patrimônio assumido por toda a população desta bacia hidrográfica, fazendeiros, empresários, setores governamentais, sociedade civil organizada.”

Mensagens

Parabéns para a Expedição

Durante todo o período da Expedição, várias mensagens foram enviadas ao Projeto Manuelzão, parabenizando a iniciativa. Confira trechos de algumas.

Palmas prá vocês, companheiros! Estou acompanhando daqui de ROMA a sua viagem ecológica pelo Rio das Velhas no coração das Gerais. Sou mineiro e leio com muito interesse o diário de bordo. O site está uma beleza! Estou vibrando com as manifestações que vocês recebem nas comunidades. Continuem firmes na luta por esta causa essencial para o nosso futuro!

JOSÉ RAIMUNDO VIDIGAL

Tenho acompanhado diariamente no site da expedição, as matérias e as fotos. Fico realmente sensibilizado de ver tantas manifestações de apoio e incentivo não só para a Expedição, mas principalmente para a concretização do objetivo básico do Projeto Manuelzão, que é a recuperação do Rio das Velhas. Todos vocês estão de parabéns!

RAUL DAMÁSIO

Estou maravilhado com a Expedição. Tenho um sítio em Santana de Pirapama às margens do rio e fico torcendo para que as pessoas se juntem para salvar esta maravilha, que é o Velhas. Estou lendo o diário de bordo, e me sinto fazendo parte deste passeio.

RENAN MONTEIRO

Parabéns pelo trabalho. Tive a oportunidade de conhecer os expedicionários, em Beltrão. A fotografia do jornal de agosto é maravilhosa. Me lembra o conto do Guimarães Rosa "Terceira Margem do Rio". Gostei também do conteúdo.

ROSA HARUCO TANE



PROFESSORES, MEMBROS DE MOVIMENTOS SOCIAIS, VEREADORES, PROPRIETÁRIOS, PATRIARCAS, AGRICULTORES, EMPRESÁRIOS, SECRETÁRIOS DE GOVERNO, GRUPOS DE CULTURA, VOCÊS FORAM A EXPEDIÇÃO SERUM SUCESSO!



Coordenadores (Professores da UFMG)
Apolo Heringer Lisboa - Coordenador geral -
apolohl@medicina.ufmg.br
Antônio Leite Alves
Marcus Vinicius Polignano
Antônio Thomáz Gonzaga da Mata Machado
Tarcísio Márcio de Magalhães Pinheiro

Envie sua contribuição para o Jornal Manuelzão.

Redação e Edição
Elton Antunes (MTb 4415 DRT/MG), Marina Torres (MTb 8577 DRT/MG), Sílvia Araújo, Jonas Rodrigues, Louraidan Larsen, Carolina Silveira
Telefones: (31) 3248-9697 e (31) 3499-5193 -
jornal@manuelzao.ufmg.br

Projeto Gráfico
Procópio de Castro

Diagramação
Guilherme Bigonha

Fotos
Arquivo do Projeto Manuelzão, Cuia Guimarães
Ilustrações: Guilherme Bigonha e Rodrigo Simão

Impressão
Sempre Serviços Gráficos

Tiragem
80.000 exemplares

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor. Os artigos assinados não exprimem, necessariamente, a opinião dos editores do jornal e do Projeto Manuelzão.

Contatos com o Projeto:
Secretaria Administrativa - Tel: (31) 3248-9818/17 - Telefax (31) 3248-9817
www.manuelzao.ufmg.br - manuelzao@manuelzao.ufmg.br
Manuelzão vai à escola - (31) 3248-9810
Gascom - Grupo de Articulação e Suporte aos
Comitês Manuelzão - (31) 3248-9819



EXPEDIÇÃO MANUELZÃO

UFMG
DESCE O RIO DAS VELHAS

ESPECIAL EXPEDIÇÃO



Expedição desperta lembranças e sonhos

MARINA TORRES

Jornalista

Um rio, uma viagem. Quase 800 quilômetros pela água, milhares de pessoas pelo caminho. Em todos os municípios por onde a Expedição passou, moradores saudaram os caiaqueiros em pontes, margens do Velhas, e nos eventos realizados em escolas, praças e ginásios. Estimativas da equipe do Projeto Manuelzão indicam que cerca de 70 mil pessoas tiveram contato direto com os navegadores entre os dias 13 de setembro e 13 de outubro. Ainda mais pessoas souberam da Expedição através dos meios de comunicação, que deram ampla cobertura à viagem.

O desafio de percorrer toda a extensão do rio remando despertou interesse, curiosidade, mas maior do que esse desafio é a causa que motivou a viagem: mobilizar a sociedade pela revitalização do Velhas. Essa causa mexe com as pessoas, pois desperta lembranças e sonhos. Lembranças de um tempo, em que se podia pescar e nadar em qualquer ponto do rio. Sonhos de retomar esse passado num futuro breve.

Em vários locais de parada, a equipe de documentação pôde registrar antigos moradores, contando casos sobre o rio, a navegação de grandes barcos a vapor e pescarias que rendiam peixes de metros e mais metros. E as crianças, se não tinham memórias para reviver, não deixaram por menos. Em cada local visitado pelos expedicionários, elas fizeram homenagens. Apresentações de dança, teatro, declamações de poesias, sempre destacando a importância de cuidar do meio ambiente, para garantir um futuro melhor.

Os caiaqueiros compararam suas observações com os relatos de Richard Burton, que viajou pelo Velhas em 1867. Viram que em quase 140 anos houve muita degradação. O assoreamento do rio e a poluição de suas águas é preocupante. Mas os navegadores também

ouviam moradores dizerem que têm acontecido melhorias nos últimos dois anos. O tratamento de esgotos do Arrudas, por exemplo, já parece surtir efeitos e fazendeiros da região de Matozinhos contam que o mau cheiro do rio, mais forte na época de seca, já diminuiu bastante. Esses depoimentos reforçam a crença na proposta da revitalização.

Outro fator que anima muito é a força do próprio rio. Pelo processo de auto-depuração, ao receber afluentes menos poluídos e, passando por corredeiras, a água retoma seus níveis normais de oxigênio dissolvido, melhorando de qualidade. Em municípios como Santo Hipólito e Lassance, no Baixo Velhas, crianças nadam no rio e a pesca é bastante comum.

A todo momento, os expedicionários, em seus discursos, reforçaram a importância de ações, como recomposição de matas ciliares, preservação de nascentes e tratamento de esgotos. E, em vários municípios, prefeitos, fazendeiros e empresários se comprometeram a fazer sua parte para garantir a revitalização da bacia do Velhas. Em Jequitibá, a passagem dos expedicionários foi comemorada com a inauguração da Estação de Tratamento de Esgoto do município.

O percurso entre a nascente e a foz do Velhas terminou no dia 11 de outubro em Barra do Guaiçú, mas, como bem destacou o caiaqueiro Roninho na festa da chegada, a Expedição não terminou, pois o trabalho pela melhoria do meio ambiente e, consequentemente, da qualidade de vida continua. A equipe do Projeto Manuelzão pretende visitar pontos de parada da viagem, promovendo debates, apresentando fotos e filmagens e buscando encontrar as ações que vão garantir a volta do peixe a toda a extensão do Rio das Velhas.

Sobre os Boletins

Durante a Expedição, 16 boletins sobre sub-bacias do Rio das Velhas foram produzidos pela equipe de comunicação do Projeto. Cada boletim reúne uma série de dados sobre condições ambientais e sociais das regiões. Tudo foi disponibilizado no site e enviado para órgãos de imprensa, à medida que os caiaqueiros passavam pela confluência dessas sub-bacias com o Velhas. Desta página até a de número 13, alguns desses dados serão apresentados. Para maiores informações, entre em nosso site e confira todos os boletins completos. www.manuelzao.ufmg.br/expedicao

Boletim



Cachoeira das Andorinhas e Sub-bacia do Rio Maracujá

A Cachoeira das Andorinhas é a principal nascente do Rio das Velhas. Está situada em uma Área de Proteção Ambiental, a APA Andorinhas, no município de Ouro Preto, que tem uma população de 66.277 habitantes. Apesar de ter sido criada em 1989, a APA ainda está sem gestão e enfrenta problemas como queimadas e extração predatória de quartizito.

Um dos primeiros afluentes a desaguar no Velhas e a causar impactos é o Rio Maracujá, que corta os municípios de Itabirito e Ouro Preto. A população desta sub-bacia é de 104.178 habitantes.

Ao passar pela área urbana do distrito ouropretano de Cachoeira do Campo, o Maracujá recebe esgoto e lixo em sua calha. Durante a Expedição, os caiaqueiros relataram que é marcante a mudança na cor e no cheiro da água do Velhas, após a confluência do Rio Maracujá.

Expectativa e ansiedade marcaram o início da Expedição

LOURAIDAN LARSEN

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Devemos confessar. Se de um lado havia quem tinha a certeza de que tudo daria certo, de outro, eram muitos aqueles que começavam a achar que a Expedição não iria chegar ao final previsto. Percorrer um trajeto de mais de 700 quilômetros, passando por trechos altamente poluídos era bastante coisa para se realizar em apenas trinta dias.

Como combinado previamente, haveria uma equipe de apoio aos caiaqueiros em todo o percurso. Locais no meio do mato e de difícil acesso levaram preocupação aos motoristas do Manuelzão. Eles passaram um fim de semana inteiro viajando por estradas de terra, e conhecendo o trajeto pelo qual teriam que passar, já que não podiam

errar o caminho durante o período da Expedição.

Os mais otimistas no começo, para a felicidade de toda a equipe envolvida, eram os próprios caiaqueiros. Alertados pela Polícia Militar do Meio Ambiente sobre o perigo e o risco da navegação em alguns trechos, como o poluído local de afluência dos ribeirões Arrudas e do Onça no Rio das Velhas, eles garantiam a todo momento que não haveria problema. Tirariam de letra toda a viagem, como realmente aconteceu.

Iniciada a navegação, a chegada em São Bartolomeu foi muito comemorada, no final do primeiro dia. Porém, durante a noite, o caiaqueiro Beto passou mal, com febre,

vômitos e diarreia. Uma infecção intestinal, associada à tensão do início da viagem, acabou impedindo que ele remasse nos próximos dois dias.

Após esse incidente inicial, poucos foram os imprevistos, e os dias transcorreram em clima de festa e alegria. O "frio na barriga" do começo da Expedição, e o medo de que alguma coisa desse errado eram totalmente esperados. Mas os longos meses de reuniões, preparativos e treinamentos dos navegadores em trechos do Velhas, antes de iniciar a descida, contribuíram para que tudo ocorresse bem. Não houve atrasos no calendário previsto, e nenhum problema maior que impossibilitasse os quase trinta dias da Expedição.

Poluição da água foi o maior desafio

SÍLVIA ARAÚJO

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Todos estavam apreensivos com a chegada desse momento. O dia 17 de setembro, quando os expedicionários navegaram de Sabará a Santa Luzia, foi o maior desafio de toda a viagem. Justamente nesse trecho, o Rio das Velhas encontra com os seus dois maiores afluentes poluidores: o Arrudas e o Ribeirão da Onça.

Remar sobre o esgoto da maioria dos moradores da região metropolitana de Belo Horizonte não foi fácil. Para agüentar o mau cheiro e o gás que sobe das águas contaminadas os navegantes usaram máscaras especiais. Tiveram também a sorte de no dia anterior ter chovido durante a madrugada. Isso facilitou um pouco a navegação, que mesmo assim foi comparada por eles a um "cortejo fúnebre".

A viagem, que até então transcorria num clima de festa e alegria, teve um momento bem diferente. Nesse dia todos remaram calados, tristes com a situação de sujeira e abandono do rio, e apreensivos com



Cachoeira do Arrudas, entre Belo Horizonte e Sabará

o perigo de virarem os seus barcos e serem contaminados com alguma doença. A experiência foi relatada pelos navegantes em todas as paradas seguintes da Expedição.

Cachoeira de garrafas pet

Dentro do perímetro urbano de Belo Horizonte, o Arrudas foi canalizado, isto é, retificado e envolvido por concreto. O ribeirão, formado quase apenas por esgoto, sofre variações em sua vazão durante o dia, conforme os horários em que as pessoas mais utilizam água. A "maré alta" é por volta das oito da noite, quando chega a água do banho que muitos tomaram no fim da tarde.

Perto de sua foz, o Arrudas não está mais canalizado. Pouca gente conhece uma queda d'água que o ribeirão forma próximo ao seu encontro com o Rio das Velhas. A paisagem que um dia já foi bela, hoje é composta por centenas de garrafas pet boiando nas águas

cercadas por urubus.

A Estação de Tratamento de Esgoto do Arrudas, inaugurada pela Copasa, em outubro de 2001, já trata 50% do esgoto que antes caía no ribeirão. Segundo o expedicionário Roninho, "a outra metade que vai pro Velhas ainda faz muitos estragos". Apesar da necessidade de mais ações, pessoas que moram em cidades abaixo da região metropolitana relataram ter percebido uma melhora no rio nos últimos tempos por causa da ETE Arrudas.

No encontro do Velhas com o Onça é possível observar nitidamente o contraste entre suas águas. O afluente desce escuro e cheio de espumas brancas e encontra com o Rio das Velhas, que tem águas em melhor estado, apesar de já ter recebido o Ribeirão Arrudas. A Copasa está executando a construção de uma Estação de Tratamento de Esgoto para o Ribeirão da Onça, com previsão para ficar pronta em um ano. O Rio das Velhas aguarda.

Pescador precede percurso dos caiaqueiros

LOURAIDAN LARSEN

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Ele estava ansioso para conversar com os caiaqueiros que chegariam a qualquer momento no Convento de Macaúbas, em Santa Luzia. João Gonçalves de Freitas, o João Niquinha, morador da região, queria contar pra eles como foi sua viagem no trecho que os navegadores fariam a partir daquele dia: de Santa Luzia até a Barra do Guaicuí.

Junto com mais quatro amigos, em um barco de madeira sem motor, João realizou a viagem em 32



João Gonçalves de Freitas, o João Niquinha

dias. "Remamos no varejão, com bambu mesmo, o que deixou nossas mãos tudo cheia de ferida", lembra. A viagem em outubro de 1998 ocorreu devido a uma promessa feita ao prefeito de Santa Luzia de levar uma carta e uma bandeira ao prefeito de Pirapora.

Eles navegavam das seis da manhã até as 18 horas, "aí a gente parava, tirava tudo da barca, montava barraca, e ajeitava as coisas pra proteger da chuva". Eles dormiam nas margens do rio mesmo. "Pra nossa segurança, levamos meu cachorro, que via muita coisa e nos protegia", conta.

Sobre a qualidade da água encontrada no caminho, ele diz que "de Jequitibá pra baixo, não existe poluição, tirando boi morto no rio, diferente da poluição daqui". Niquinha diz que a água da região onde mora é "imunda", e que não dá mais para pescar no local. Hoje em dia, ele viaja pra poder fazer suas pescarias. "O peixe daqui a gente não come mais", lamenta.

Quando chegaram à Barra do Guaicuí, foram todos levados até a prefeitura de Pirapora. "Foi muita emoção, tinha muitos pescadores esperando a gente lá", recorda. Também na chegada dos três navegadores ao Convento, foi com emoção que João Niquinha correu para vê-los. "Desejo sorte pra vocês", disse abraçado aos caiaqueiros, após contar a eles a façanha de sua viagem de cinco anos atrás.

Boletim



Sub-bacias dos Ribeirões Arrudas e da Onça

Os Ribeirões Arrudas e Onça são os maiores poluidores do Rio das Velhas. Os dois cortam parte da região metropolitana, recolhendo esgoto domiciliar e industrial e todo tipo de lixo que a população despeja direto em suas margens.

As duas bacias abrangem os municípios de Belo Horizonte e Contagem, com uma população de 2.776.543 milhões de pessoas, conforme dados de 2000 do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. O Arrudas deságua em Sabará e o Ribeirão da Onça em Santa Luzia, mas não sofrem significativa influência dessas cidades.

A imagem que sempre observamos é a de dois córregos de águas bem escuras, com mal cheiro e geralmente cheios de espumas brancas em suas superfícies formadas por produtos químicos, como detergentes.

Quando os expedicionários passaram por esse trecho, no dia 17 de setembro, observaram um cenário horrível. As árvores à margem do Velhas possuem sacos de lixo que foram pendurados em seus galhos durante as cheias do rio. Rafael disse que de longe as árvores pareciam grandes "espantalhos".

História e arte

CAROLINA SILVEIRA
Estudante de Comunicação Social da UFMG

Em cada canto da Fazenda Jagoara Velha é possível encontrar um trabalho da proprietária, Dona Lêda Torres de Andrade. Dos quadros das paredes às figuras na cabeceira das camas, a arte ajuda a contar a história do lugar e revela o talento dessa senhora que, embora nunca tenha freqüentado aulas de pintura, possui mais de 200 quadros. Ela define como “dom” sua afinidade com as artes.

Dona Lêda também se dedica a preservar as memórias da fazenda, que é do século XVIII. Na propriedade, é possível observar as ruínas da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Jagoara, atribuída a Aleijadinho. Com pesar, Dona Lêda conta os detalhes da história dessa destruição e sua luta para preservar o que resta.

As sucessivas gerações de proprietários da Fazenda aparecem retratadas em pinturas espalhadas pelos corredores da pousada. A obra que mais impressiona é a capela feita por ela em sua casa, trabalho que demorou quatro anos para ficar pronto. Em cada parede do cômodo, o rostinho de anjos e de personagens bíblicos são as feições de seus familiares. O marido, Galeno Andrade, é retratado na figura de Jesus e a imagem, segundo ela, é dos tempos da juventude dele.



Dona Lêda Torres de Andrade

Boletim



Sub-bacia do Rio Itabirito

A bacia do Rio Itabirito, no Alto Velhas, abrange os municípios de Itabirito e Rio Acima, que juntos somam uma população de 45. 599 habitantes. No dia 15 de setembro, os expedicionários viram suas águas esverdeadas, que levam poluição e mal cheiro para o Velhas. Nenhuma das duas cidades trata o seu esgoto. Resíduos de postos de gasolina, indústrias têxteis, construção civil e lixo hospitalar também contribuem na degradação, agravada pela atividade mineradora que provoca assoreamento. Porém, para os biólogos do sub-projeto SOS Rio das Velhas, Paulo Pompeu e Carlos Bernardo, o Rio Itabirito ainda possui ampla possibilidade de revitalização.

Sub-bacias dos ribeirões Água Suja e Macacos

Os ribeirões Água Suja e Macacos estão situados na região do Alto Velhas, no município de Nova Lima, com população de 66.909 habitantes. As condições ambientais das bacias desses afluentes, localizados à margem esquerda do Rio das Velhas, refletem-se na qualidade das águas que chegam à calha principal. Os índices de contaminação dessas águas revelam os impactos da atividade mineradora na região. Segundo diagnóstico do Cetec (Centro Tecnológico de Minas Gerais) da década de 80, existe uma grande concentração de arsênio nos lençóis freáticos da região.

Patrimônios ao longo da Bacia do Velhas

RÚBIA PIANCASTELLI
Estudante de Comunicação Social da UFMG

Durante o percurso da Expedição, pôde-se observar a presença de igrejas, casas, fazendas e outras construções, que constituem o patrimônio histórico da bacia do Rio das Velhas. A riqueza cultural e a importância histórica da região foram retratadas por essas edificações que os expedicionários puderam contemplar.

Alguns desses patrimônios foram citados nos relatos de Richard Burton, em seu livro "Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico", escrito quando percorreu o Rio das Velhas em 1867. Algumas em ruínas e outras bem conservadas pelos seus donos, essas relíquias carregam e preservam história.



As ruínas da Igreja da Fazenda de Bom Sucesso ficam próximas à comunidade de Santa Rita do Cedro. A vila possui pouco mais de 500 habitantes, em sua maioria, trabalhadores das fazendas próximas. Citada por Burton como local de lavras de diamantes, Bom Sucesso foi palco das filmagens do filme "Grande Sertão: Veredas".



O Convento de Macaúbas, construído por Félix da Costa a partir de 1714, foi acabado após dois séculos. A ermida, que funcionaria como um recolhimento, está localizada em Santa Luzia, e hoje é o Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Macaúbas, onde vivem 20 irmãs. Em 1847 ele foi o primeiro colégio para meninas de Minas Gerais e, há 12 anos, está passando por uma reforma geral. O convento foi também um ponto visitado por Burton em 1867.



A Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Jagoara, obra de Aleijadinho, faz parte da Fazenda Jagoara Velha, onde Burton ficou hospedado. A igreja foi construída entre 1782 e 1786, quando a fazenda pertencia a Antônio de Abreu Guimarães. Posteriormente, a propriedade foi vendida ao Superintendente da Mina de Morro Velho, o inglês Mr. Chalmers, que desativou a igreja e doou a terceiros todas as suas peças sacras e artísticas. Após sofrer a degradação do tempo, hoje, restam apenas ruínas que estão escoradas em estacas.

Percurso do Rio das Velhas é marcado por diversidade de paisagens

CAROLINA SILVEIRA

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Acompanhar o curso do Rio das Velhas é também desvendar a diversidade de paisagens presentes em suas terras. O rio parte de nascentes encachoeiradas, cercadas pelo que resta de Mata Atlântica em Minas Gerais e segue rumo ao Cerrado. Seja nas minas do ouro ou nos sertões do escritor Guimarães Rosa, as histórias dos lugares e das pessoas aparecem sempre ligadas às características naturais das regiões.

As nascentes do Rio das Velhas estão localizadas na Cachoeira das Andorinhas, município de Ouro Preto. No percurso pela região de Mata Atlântica, de clima mais frio e chuvoso, as margens apresentam uma vegetação mais fechada. A presença de metais preciosos nessas terras determinou também os contornos da ocupação humana.

A mudança de paisagem começa a ser mais evidente a partir do município de Jaboticatubas, quando o rio abandona as montanhas. O aumento da diversidade de espécies de aves anuncia a chegada em novas terras: os domínios do Cerrado. Árvores mais esparsas e vegetação de porte menor passam a compor

a paisagem das margens. A região é mais plana e mais seca.

Na Fazenda Mocambo, distrito de Matozinhos, é possível observar do alto de um rochedo as grutas exploradas pelo paleontólogo Peter Lund, que trabalhou por mais de dez anos naquelas terras. Trata-se de uma área calcária, repleta de grutas, conhecida como região cárstica de Lagoa Santa.

Nos trechos em que o rio corre no sertão, as montanhas são menos numerosas e mais baixas. Nas margens, a casca das árvores é mais grossa e as folhas mais ásperas, uma defesa à aridez da região. Troncos retorcidos também ajudam a caracterizar as novas terras. Com o maior espaçamento entre as plantas, a radiação luminosa que chega ao solo é mais intensa.

A Serra do Cabral, em Lassance, e o Morro da Garça, em Corinto, destacam-se em uma região que é predominantemente plana. A calha do rio vai ficando cada vez mais funda e o leito mais largo. Até o encontro com o São Francisco, as águas seguem nas curvas sinuosas do Cerrado.



Rio das Velhas entre Itabirito e Rio Acima

Boletim



Sub-bacia do Rio Taquaraçu

A Expedição passou pela foz do Rio Taquaraçu em 18 de setembro, após seis dias de descida. O rio encontra-se bastante limpo, o que permitiu aos expedicionários entrarem em suas águas. O rio nasce na cidade de Caeté, passa por Nova União e Taquaraçu de Minas e deságua no Rio das Velhas em Santa Luzia. A população estimada desta sub-bacia é de 45.217 habitantes. Dados do Projeto Lixo e Cidadania na Bacia do Rio das Velhas, da Feam, mostram que não existem projetos de coleta seletiva nos municípios.

Sub-bacia do Ribeirão Caeté-Sabará

A sub-bacia do Ribeirão Caeté-Sabará é uma das regiões mais afetadas pela degradação na bacia do Velhas. Localizado na margem direita do Alto Velhas, o Ribeirão corta as cidades de Caeté e Sabará, que somam uma população de 151.651 habitantes. O Ribeirão recebe grande parte do esgoto doméstico e efluentes industriais e minerários da região metropolitana de Belo Horizonte.

Histórias de um barranqueiro

CAROLINA SILVEIRA

Estudante de Comunicação Social da UFMG



Antônio Saturnino, Toninho

Na pequena Jequitibá, região do Médio Velhas, basta um passeio pela praça perguntando sobre a cidade para que surja o nome de Toninho. O senhor de 72 anos é conhecido por se lembrar de cada "causo" da localidade e das histórias dos antigos. Andando pelos corredores da Paróquia Santíssimo Sacramento, Antônio Saturnino relembra a infância de travessuras nas águas do Velhas.

Toninho conta rindo que atravessava o rio a nado para roubar amendoim e abacaxi na outra margem. As lembranças dos tempos de rio cheio são contadas com saudade. Ele também se dedica a preservar a história de Jequitibá. Toninho fez parte do grupo que cuidou do processo de tombamento da Paróquia, que ocorreu em 1982.

Em 1997, quando a cidade permaneceu durante nove dias inundada pelas águas do Rio das Velhas, Toninho ajudou a retirar os moradores e a proteger as imagens da Igreja. Mas não pôde salvar as coisas de sua casa.

Em frente à Igreja, na praça Santa Terezinha, Toninho recita um poema que fez para o Rio das Velhas. Com a voz firme e de forma saudosa, ele expressou o clamor de um barraqueiro diante do "que restou do antigo e bom celeiro". Algum tempo de silêncio e Toninho conta orgulhoso: "Minha filha levou esse poema para a universidade".

Polícia Militar do Meio Ambiente desce o Velhas junto com a Expedição

JONAS RODRIGUES

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Em quase todos os lugares onde a Expedição foi recebida, o clima que antecedia a chegada dos caiaqueiros era de muita expectativa. Todos aguardavam ansiosos por algum sinal, de forma especial as crianças. Na maioria das vezes, o que anunciava a chegada era um barulho que vinha se aproximando pelas águas do rio. Esse ruído não vinha dos caiaques,

é claro: era o motor do barco da Polícia Militar do Meio Ambiente, que acompanhou os expedicionários por todo o percurso da Expedição.

Durante os 29 dias da Expedição, cinco equipes da Polícia Militar do Meio Ambiente se revezaram no apoio aos caiaqueiros. Além de acompanhar em uma viatura com dois agentes, a polícia colocou à disposição

um barco a motor com dois policiais. Aliás, os piloteiros da polícia demonstraram grande perícia, já que o baixo nível de água do rio exigia muito cuidado para que o motor não se danificasse nas pedras. A presença do barco foi também fundamental para a equipe de filmagem, fotografia e reportagem, que pôde assim acompanhar bem de perto a navegação.

Paralelamente ao apoio por água e por terra, os policiais exerceram também um trabalho de prevenção e fiscalização por onde passavam. Esse fato gerou uma certa preocupação por parte do Projeto, já que a imagem da Expedição poderia ser associada exclusivamente com o trabalho de fiscalização exercido pela polícia. No entanto, o Projeto sabe da importância do trabalho dos policiais, que de forma alguma poderiam ser omissos diante das irregularidades encontradas no caminho.

No decorrer do percurso, os policiais fizeram notificações, apreenderam armas e munição para caça e até apagaram um incêndio. Mas a apreensão mais freqüente demonstra de certa forma uma esperança para o Velhas: inúmeras redes de pesca. Em determinados trechos do rio, chegou-se a apreender 20 redes num único dia, muitas com peixes ainda vivos. Sinal de que o peixe está voltando ao rio, e também de que a lei precisa ser respeitada para que ele lá permaneça.



Em Santa Luzia, barco da polícia antecede a chegada dos expedicionários, que é aguardada por multidão

"A gente não é só a gente no mundo"

LOURAIDAN LARSEN

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Desde menino, Tasso Alvarenga vive na Fazenda da Chica, herdada de seus avós, em Lassance. Apaixonado pela natureza, em seu sítio tem de tudo: mico, papagaio, vários pássaros soltos, paca, anta e tatu canastra, esses dois últimos em extinção.

Logo na chegada, Tasso foi mostrar o Córrego da Chica, afluente do Velhas, e contou sobre uma mortandade de peixes ocorrida em 1995. Próximo à sua fazenda, no Rio das Velhas, vários peixes começaram a morrer de repente. "Corria, pegava os peixes e colocava no córrego. Salvei uns 16, mas sozinho não ia conseguir salvar tudo. Tinha surubim, cascudo, dourado...", lembra. Tasso diz que no dia viu muito aguapé, e que água estava suja e cinza.

Após passar todo o dia vendo "todos aqueles peixes morrendo", ele foi para casa, acendeu um liquinho, e ficou escrevendo madrugada adentro. "Senti tristeza e calafrio. Assisti a tragédia chorando de dó. O rio agonizava como filhos queridos dos meus", declamou emocionado trecho de seu poema, na beira do córrego. "Não descobriram, nem falaram nada. A Belgo Mineira, na época, pagou 10 mil de multa. Mas isso não

iria resolver não, os peixes não iriam voltar", lamenta.

Após contar a "tragédia", como chama a mortandade, Tasso mostrou um pouco mais de sua fazenda. Hoje, com seus cinquenta anos, ele conta que chega a ficar vários meses sem ir a lugar algum, e quando vai a Belo Horizonte "é para ver os filhos". Depois de uma caminhada, e de ver muito jenipapo, barbatimão, laranjinha, disse sobre os 485 hectares totalmente preservados, já na despedida: "Temos que cuidar disso tudo aqui. A gente não é só a gente no mundo".



Tasso Alvarenga

Boletim



Sub-Bacia do Ribeirão da Mata

A Expedição passou pela foz do Ribeirão da Mata na manhã do dia 18 de setembro. O ribeirão está localizado na margem esquerda do Médio Velhas, tem suas nascentes em Matozinhos e deságua no Rio das Velhas em Santa Luzia. Ele também percorre outros oito municípios: Capim Branco, Confins, Esmeraldas, Lagoa Santa, Pedro Leopoldo, Ribeirão das Neves (sede e Justinópolis), São José da Lapa e Vespasiano. A população dos municípios na área da bacia é de aproximadamente 435.000 habitantes. Segundo os expedicionários, as águas do Rio das Velhas prosseguem ruins depois de receber o Onça até o encontro com o Ribeirão da Mata, quando apresentam sinais de melhora, o que eles atribuem ao fato do Ribeirão estar menos poluído que o Velhas, embora não esteja limpo.

Sub-bacia do Ribeirão Jequitibá

Logo que os expedicionários chegaram à cidade de Jequitibá, no dia 24 de setembro, participaram da inauguração da ETE Jequitibá, que tratará o esgoto do município. Além de receber os esgotos de Funilândia, Prudente de Moraes e Jequitibá, a sub-bacia recebe o esgoto de Sete Lagoas, cidade de quase 200 mil habitantes, o que a torna uma das principais poluidoras do Velhas.

29 dias navegando o Rio das Velhas

JONAS RODRIGUES E SÍLVIA ARAÚJO

Estudantes de Comunicação Social da UFMG

De Ouro Preto à Barra do Guacuí. Das minas aos gerais. O rio que muitos só conheciam por mapas e fotos ganhou vida aos olhos de todos. As águas cristalinas da nascente, o esgoto da região metropolitana, a ausência dos peixes, a recuperação após o Paraúna, o encontro com o São Francisco. Ao todo, a Expedição integrou os 51 municípios da bacia, tendo visitado os 27 que estão às margens do Velhas. Lugares e pessoas diferentes; um mesmo grito: Viva o Rio das Velhas!

Acampamentos

Perto do fim da Expedição, nos dias 8 e 10 de outubro, os viajantes tiveram que dormir em dois acampamentos. Violão, cantoria, banho de rio e uma lua cheia fizeram companhia nesses momentos.

Acredita?

Uma recepção rápida, porém bastante calorosa na Barra do Luís Pereira, município de Cordisburgo. Os expedicionários só lamentaram não poder aproveitar o churrasco e a bebida preparados, em função do cronograma apertado. É de lá também a melhor "história de pescador": Seu Vavá conta que um amigo pescou dois surubins em um só anzol.



Surpresa

Em meio às centenas de pessoas que vão até a beira do rio para receber a Expedição, esteve presente o Secretário Adjunto de Estado da Agricultura, Antônio Cândido Borges. À noite, a presença inesperada de outro Antônio surpreende a todos: Antônio Nardi, filho de Manuel Nardi, o Manuelzão. Tímido, não quis falar ao microfone, mas revelou ficar bastante emocionado ao ver o pai sendo homenageado.

Do tempo das Bandeiras

A Expedição repete os passos de Fernão Dias Paes. O distrito da Quinta do Sumidouro foi fundado pelo bandeirante, em 1674. Durante a recepção na Praça do Sumidouro, ouve-se a todo instante o sino da Capela de Nossa Senhora do Rosário, erguida no século XVIII. Beto destaca o fato da Quinta do Sumidouro ser um dos primeiros povoados fundados no interior do Brasil.

Bênção

Os expedicionários são esperados com festa em Rio de Janeiro em 15 de setembro. À noite acontece missa na ponte e os navegantes recebem uma bênção do Frei Francisco de Assis Vieira e, como presente, uma cruz de São Francisco.



Desafio

A experiência de navegar sobre o esgoto da região metropolitana é relatada em todas as paradas seguintes da viagem.

Boletim



Sub-Bacia do Rio Jaboticatubas

A sub-bacia do Rio Jaboticatubas está localizada na margem direita do Médio Velhas. Inserida nessa sub-bacia, a cidade de Jaboticatubas possui uma população de 13.530 habitantes. No dia 22 de setembro, os caiaqueiros passaram pela foz desse rio, e foi possível ver muitos peixes como lambaris, piaus, e outros. O Jaboticatubas é um importante afluente, contribuindo com águas limpas para o Velhas, apesar do esgoto que recebe do município.

Sub-bacia do Rio Cipó/Paraúna

Não é à toa que o Paraúna é considerado o mais importante afluente do Rio das Velhas. Por ser o maior tributário, abrangendo 12 cidades, é também aquele que causa maior alteração na paisagem do rio. A partir da foz do Paraúna, o Velhas se torna quase duas vezes mais largo, e recebe novamente as espécies de peixe que não se encontravam nos trechos anteriores. Tal fato parece ser garantido pelos bons níveis de oxigênio dissolvido, embora o Índice de Qualidade das Águas (IQA) seja médio e a contaminação por tóxicos alta.

Foz

O cansaço não diminui a emoção de chegar ao "Velho Chico" após 29 dias de viagem. Às 14:30, do dia 11 de outubro, os se jogam no encontro das águas do Rio das Velhas e São Francisco. Como parte das comemorações, em Barra do Guaiçuí, os caiaqueiros inauguram a Praça Manuelzão. A Expedição chega ao fim, deixando saudades e um desejo lá no fundo de continuar...

Descanso

Os expedicionários são recebidos no Memorial Carlos Chagas, em Lassance, no dia 6 de outubro. O dia seguinte foi de descanso, como direito a passeio na Cachoeira das Palmeiras. As refeições e os sucos de tamarindo e jenipapo foram muito bem preparados pela equipe da Secretaria Municipal de Educação.



Encontro

Expedição se encontra com expedicionários do Cipó, que entregam a Roninho, Beto e Rafael uma ampola com água da nascente do Cipó, e cartas do afluente do Paraúna para o Velhas.

Celebridades

Mais do que em qualquer outro lugar, os expedicionários são recebidos como celebridades em Santana do Pirapama. Aos pés da ponte, os caiaqueiros deixam a marca de suas mãos, numa espécie de "calçada da fama". Beto faz um de seus discursos mais inflamados, enquanto Roninho e Rafael são disputados pelas crianças.



Irmãs

Freiras enclausuradas falam com os expedicionários em uma sala reservada.

Na água

Após o rapel, os três caminham por duas horas, percorrendo seis quilômetros pela calha e margem do ainda raso e estreito Rio das Velhas até chegar a Catarina Mendes. Os caiaques de plástico, próprios para corredeiras, são colocados na água às 2h da tarde. No fim do dia eles são recebidos com festa em São Bartolomeu, onde Roninho mora com a família.

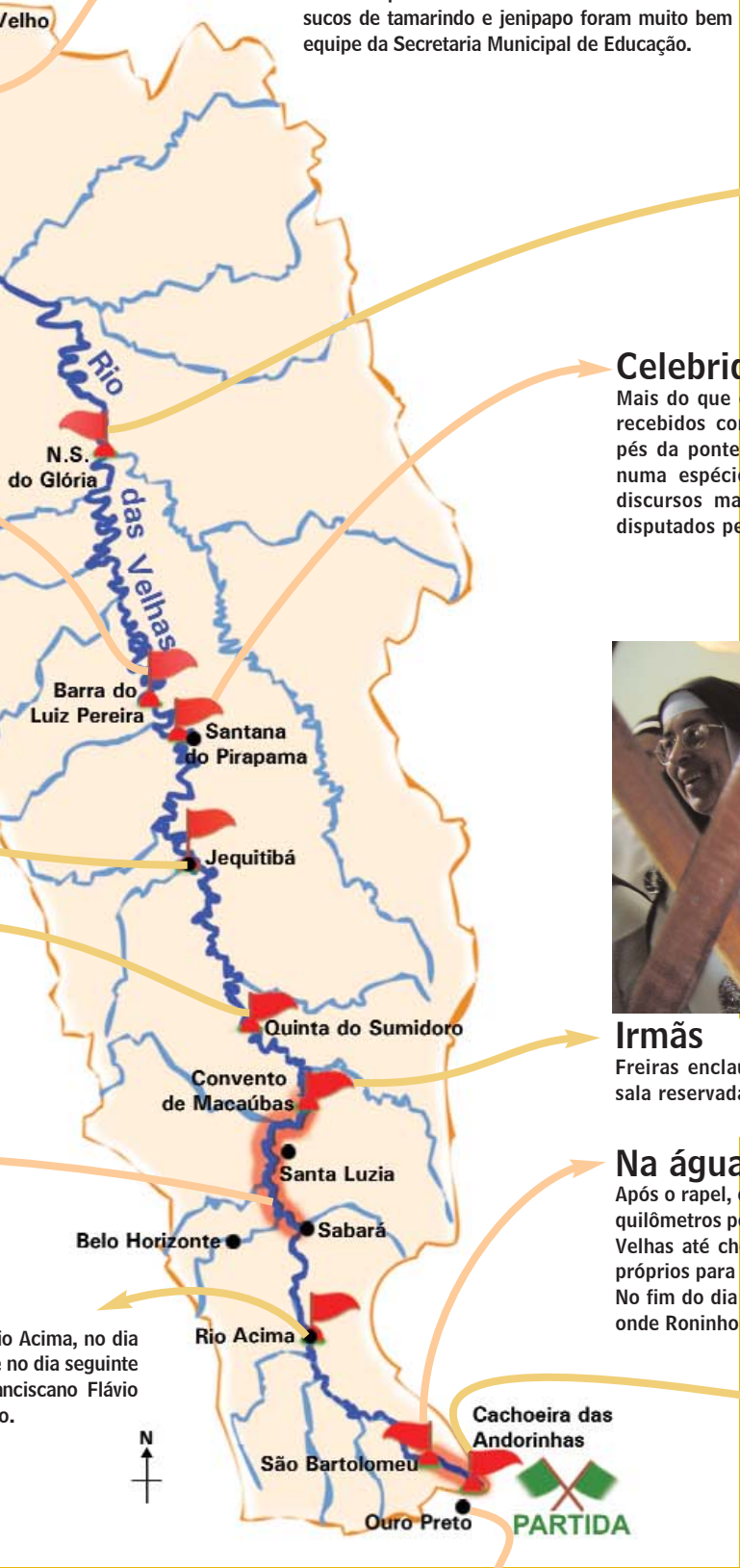


Rapel

Expedicionários descem de rapel a Pedra do Jacaré, de 36 metros, e em seguida a cachoeira Veu das Noivas, de aproximadamente 60 metros.

Solenidade

A abertura oficial da Expedição ocorreu no dia 12 de setembro no Teatro Municipal de Ouro Preto. Apolo, coordenador geral do Projeto Manuelzão, fala sobre os preparativos e as expectativas em relação à viagem. Ainda tímidos, os caiaqueiros dão seus primeiros autógrafos.



Equipe da Expedição supera expectativas

JONAS RODRIGUES

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Três expedicionários descendo toda a extensão do rio em caiaques. Em princípio, esta poderia ser a síntese da Expedição Manuelzão desce o Rio das Velhas. No entanto, à medida que a Expedição ganhava o rio, todos perceberam que se tratava de muito mais que uma aventura de Roninho, Rafael e Beto. O rio era na verdade percorrido por uma grande equipe na qual cada um era indispensável, estando na água, na terra ou mesmo na sede do Projeto.

Como dizia o próprio Rafael em muitos de seus discursos, seria arriscado tentar citar o nome de todos, já que poderia se cometer o deslize de deixar alguém de fora. Mas ao todo, cerca de 70 pessoas participaram de forma direta da Expedição, desde sua idealização até a chegada.

Para ter uma noção do quanto cada um foi indispensável, basta pensar na infinidade de detalhes

que envolveu a Expedição: até onde os caiaqueiros teriam chegado, não fossem os mapas produzidos pela equipe de geoprocessamento? E o que teria sido feito desses mapas sem os motoristas, que impressionaram a todos com um grande senso de direção na hora de achar os pontos de apoio? E a bagagem? Onde teria sido levada se não estivesse lá o furgão do Instituto Mineiro de Agropecuária? O que dizer então do apoio das ONGs Adesa, de Sete Lagoas, e Leão de Sabará, que desceram o Rio das Velhas lado a lado com os expedicionários?

No final das contas, quem ficou com a tarefa mais difícil foi o pessoal da secretaria do Projeto: ficar em Belo Horizonte, com inúmeras tarefas, e não poder acompanhar de perto a Expedição...

Convívio

Dividir o mesmo quarto ou a mesma barraca com alguém que você não conhece. Café da manhã, almoço e jantar? Também. Às vezes, um único banheiro para ser usado por todos. Longe de casa, compartilhando as 24 horas do seu dia com "estranhos". Quer desafio maior? Pense então em quase 30 pessoas, convivendo por 29 dias nessas circunstâncias. Vista dessa forma, a expedição parece até um "reality show", com uma diferença: sem brigas, fofocas ou intrigas. Em lugar disso, uma forte relação de companheirismo que contagiou a todos. No fim, o que se viu foi uma grande família chegando ao São Francisco, comemorando a aventura de ter dedicado um mês de suas vidas pela vida de um rio.

No encontro das águas

O navegador Roninho e Apolo, coordenador do Manuelzão, dão depoimentos no momento em que chegam ao São Francisco e entram no rio para comemorar.



"Chegamos no São Francisco. Missão cumprida. Parte da missão. O que a gente cumpriu aqui foi a proposta de chegar remando à foz do Velhas, mas não pára por aqui. Espero que cada um, cada vez mais entre na Expedição, porque ela daqui pra frente tem muito o que fazer."

RONINHO (Expedicionário, P. Manuelzão)



"É prova que nós acreditamos na recuperação do rio. Está todo mundo dentro d'água, e não vamos mais sair de dentro do rio, vamos navegar o tempo todo. Estar sempre presente. A gestão do rio vai ser feita das águas para o território."

APOLO (Coordenador, P. Manuelzão)

Festa de Encerramento

Em Barra do Guaicuí, membros da equipe falam do significado da Expedição.



"A Expedição foi uma experiência muito rica. Passamos juntos momentos de algum sofrimento, calor, sede, momentos de muita emoção, quando, por exemplo, recebemos o relato da mortandade de peixes nos últimos anos. E também momentos de muita alegria, de muita festa."

EUGÊNIO (Coordenador, P. Manuelzão)



"Essa interação das pessoas trabalhando juntas, com um objetivo só, e um compartilhando com o outro os problemas foi uma coisa fantástica. Acho que nós crescemos muito profissionalmente e também como seres humanos."

MARIA DO CARMO (Mobilizadora, P. Manuelzão)



"A gente passou a Expedição toda pensando só no nosso trabalho de divulgar. Mas quando cheguei no São Francisco, eu pensei: 'um dia alguém vai olhar pra isso como um pedaço da história'. Vão dizer que foi um movimento de utopia, mas de vontade de transformação que existiu. E espero que no futuro não vai ser só um evento, mas vai ter um monte de outras coisas que ainda estão por escrever, e vão ser a realização do que a Expedição veio trazer."

SÍLVIA (Repórter, P. Manuelzão)



"A Expedição foi uma coisa muito boa na minha vida. Estar participando, ajudar a limpar o Rio das Velhas. Sou lá de Sete Lagoas, faço parte da bacia. Terminou aqui em Guaicuí, mas lá no Ribeirão Jequitibá vai começar outra expedição e a gente vai limpar lá, vai fazer a nossa parte."

MICHEL (ONG ADESA)



"A Expedição para mim foi a realização de um sonho de criança, que toda vez que eu ia para BH, ficava sonhando em navegar nessas águas do Velhas. Estou muito emocionado de estar aqui, pelas pessoas que conheci, a população ribeirinha que nos recebeu tão bem. Não tem nem como agradecer. A gente tem é que lutar lá em Sabará para conseguir despoluir a nossa parte."

EMERSON, CAVERNA (ONG LEÃO)



"Para mim foi ótimo ter participado. Uma, que eu adoro rio, eu já faço canoa desde que eu comecei a estudar. E foi muito bom por ser o Rio das Velhas, que eu faço parte dessa bacia. Outro motivo foi conhecer todos da equipe. E tenho esperança que isso não vai acabar aqui no encontro do São Francisco. Isso vai ter mais história aí pra frente. História com causa nobre que nós vamos abraçar sempre."

NEWTON WAGNER, O GALO VÉIO (ONG ADESA)

Praticar o bem

MARINA TORRES

Jornalista

Uma semana antes de começar a Expedição, Apolo, coordenador do Manuelzão, recebeu um telefonema da TV Globo de São Paulo. Avisava que uma equipe do Globo Rural viria a Minas fazer reportagens sobre o Rio das Velhas e gostaria de contar com o apoio do Projeto.

No dia 18 de setembro, na Fazenda das Minhocas, os expedicionários encontraram-se com o jornalista Nelson Araújo e sua equipe pela primeira vez. A partir daí, seriam 30 dias de filmagens, entrevistas, não mais sobre o Velhas apenas, mas também sobre a Expedição.

Em Barra do Guaicuí, o jornalista comentou a experiência. "Fiquei admirado de ver a mobilização de vocês, a integração. Despertou em mim uma vontade de levar para o Globo Rural, que tem um público de provavelmente 15 milhões de pessoas, essa mensagem de vocês. Então, de certa forma, eu me vejo remando também por esta causa."

Diferentemente do que vejo nos órgãos governamentais ligados ao meio ambiente, não há no Projeto Manuelzão uma atitude acusatória, de botar na parede o agressor, de tratar quem está poluindo como um criminoso e enquadrar. Mas vejo uma atitude de abrir o coração e tentar envolver as pessoas para que elas possam também saber como é bom amar o rio, amar a natureza e amar o próximo.

Cada um de vocês que ajudaram a Expedição a chegar até aqui, ao mergulhar no Projeto e no rio, mergulharam em si mesmos. Para respeitar o rio, nós temos que nos respeitar. Acho uma oportunidade grande para a sociedade mergulhar em si mesma, para ver o que está fazendo com o rio, para não cortar a possibilidade de mergulhar no Velhas lá pra cima. O Projeto Manuelzão, está a mim, Nelson, pessoa física, não repórter da Globo, oferecendo a possibilidade de praticar a minha filosofia, que é evitar o mal e praticar o bem. Acredito que vou poder, com essa reportagem, mostrar uma coisa exemplar, que outras pessoas também possam ter oportunidade de seguir isso, se inspirar para fazer alguma coisa boa."



Nelson Araújo

Saiba como foi documentada toda a Expedição

LOURAIDAN LARSEN

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Moradores ao longo do Rio das Velhas contando histórias e causos sobre o rio: registrado no *site*, fotografado e filmado. Sobrevôo de helicóptero sobre o Rio das Velhas na região de Santo Hipólito: filmado, fotografado e registrado no *site*. Navegação no trecho de maior poluição, quando os ribeirões Arrudas e Onça encontram com o Velhas: fotografado, registrado no *site* e filmado.

Pouca coisa escapou à equipe responsável pelo registro da Expedição. O início, o meio e o fim da descida do rio foram documentados nos quase 30 dias de muita foto e filmagem, além de produção de dezenas de textos para o *site* e para o livro da Expedição.

A fotógrafa Cuia Guimarães fazia o registro fotográfico, ora do barco da polícia ambiental, acompanhando os navegadores de perto, ora por terra, fotografando pessoas e lugares do Velhas. A idéia agora é fazer uma exposição itinerante com essas fotos em cidades pelas quais passaram os caiaqueiros.

As filmagens ficaram a cargo de Gustavo Amarante e Rodrigo De Angeli, ambos da produtora de vídeo Casca Grossa. Eles realizaram os mesmos percursos da fotógrafa, com exceção de alguns trechos, nos quais Rodrigo navegou em seu próprio caiaque para fazer as imagens. O Projeto Manuelzão pretende produzir um vídeo documentário, mas aguarda patrocínio para fazê-lo.

Para o *site*, fotos, diários de bordo, reportagens e outros registros foram produzidos por estudantes de Comunicação Social da UFMG, orientados pela jornalista Marina Torres. Divididos em duas equipes, que se revezavam toda semana, os repórteres em campo mandavam o material diário para o grupo que trabalhava na sede do Manuelzão, fazendo a atualização do *site*.

Já o livro "Navegando o Rio das Velhas das Minas aos Gerais", com previsão de lançamento para março do ano que vem, será uma verdadeira enciclopédia sobre a bacia do Rio das Velhas. Cerca de cem autores irão participar do livro, que será dividido em duas partes. A primeira, falará sobre as experiências e o dia-a-dia dos caiaqueiros. Um diário completo contado pelos próprios navegadores, e complementado com observações do editor, Eugênio Goulart, que acompanhou de perto a Expedição. A outra parte, constituída de capítulos sobre temas diversos, será um grande estudo sobre a bacia.

site: 576 fotos, 29 diários de bordo, 40 reportagens, 16 boletins e 3 releases
filmagem: 50 fitas com o total de 50 horas de gravação
fotos: 1500 fotografias
livro: mais de 400 páginas, produzidas por quase 100 autores

Mãe Ribeirinha do Rio das Velhas

SÍLVIA ARAÚJO

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Durante a Expedição, entramos na Fazenda do Amaral, zona rural de Santa Luzia, por acaso, procurando a margem do Rio das Velhas próxima ao encontro com o Ribeirão da Mata. Encontramos com Dona Albertina, que mora na beira do Velhas desde os oito anos de idade.

Ela é casada com Seu José Moreira, com quem teve 12 filhos e "Deus levou três". Dois deles morreram doentes ainda crianças. O terceiro filho caiu no rio durante uma cheia, há três anos. Amarílio tinha 28 anos quando pescava no Rio das Velhas e foi levado por suas águas. Sua morte foi "a maior tristeza" da vida de Dona Albertina que até hoje espera encontrar o corpo do filho.

Toda a família de Dona Albertina e seu José Moreira trabalha unida na roça quase à beira do Rio das Velhas. Com 64 anos, ela também tem lembranças de uma época em que o rio só lhe dava alegria. "Tinha muitos peixes, as mulheres lavavam roupas e as crianças podiam brincar na água", conta. Seu José confirma dizendo que já pegou dourado de 15 quilos.

Conversa vai, conversa vem, e Dona Abertina se lembra novamente do filho que morreu afogado. Chorando, ela diz que apesar de tudo não tem mágoa do Rio das Velhas. "Todo dia eu faço café pro meu povo e venho aqui nessas margens rezar minhas orações".



Dona Albertina

Boletim



Sub-bacia do Ribeirão do Onça

O Ribeirão do Onça está localizado na margem esquerda do Médio Rio das Velhas. A sua bacia banha Cordisburgo e Curvelo, dois municípios que, somados, possuem 76.034 habitantes. Nenhuma das duas cidades trata os seus esgotos antes de lançá-los no Onça, e nos dois municípios o destino final dos resíduos são depósitos a céu aberto.

Apesar dos descuidos com lixo e esgoto, a bacia do Ribeirão do Onça possui peixes indicadores de boa qualidade das águas. Duas espécies de médio porte se destacam ao desempenhar relevante papel na pesca realizada na bacia do São Francisco: o mandi-amarelo e curimatá-pioa. Além disso, ainda sobre suas águas, o Ribeirão está bem volumoso, segundo observação do caiaqueiro Roninho, ao passar pela foz desse afluente do Velhas no dia 27 de setembro durante a Expedição.

Sub-bacia do Ribeirão Santo Antônio

A Expedição passou pela foz do Santo Antônio no dia 30 de setembro, quando completava 18 dias de descida. Roninho navegou por 700 metros no rio, cujo leito se encontrava abarrotado de aguapés, certamente provenientes do Rio das Velhas. O ribeirão, descrito por Burton como "bonito riozinho que pode ser navegado durante duas léguas por canoas de tamanho razoável", vive hoje uma realidade bem diferente. O esgoto das cidades de Inimutaba e Curvelo, que juntas possuem uma população de 73.628 habitantes, é despejado *in natura* na sub-bacia do Santo Antônio. Apesar da qualidade da água ser ruim, a vegetação às margens do Ribeirão Santo Antônio, no seu baixo curso, encontra-se em bom estado de conservação.

Sub-bacia do Rio Pardo

A sub-bacia do Rio Pardo, localizada no Baixo Velhas, abrange os municípios de Augusto de Lima, Diamantina, Monjolos, Santo Hipólito, Gouveia e Buenópolis, somando uma população de 77.560 habitantes.

O Rio Pardo é formado pela confluência dos rios Pardo Grande e Pardo Pequeno. No dia quatro de outubro, membros da equipe da Expedição fizeram um passeio a essa confluência, que fica perto de Santo Hipólito. Todos nadaram. José Márcio Matoso, guia do passeio, contou que há quatro anos ainda havia garimpo na região do Pardo Pequeno. O rio era mais fundo, hoje está mais raso, por causa do tempo em que houve mineração.

No mesmo dia, mais tarde, os expedicionários encontraram a foz do Pardo no Velhas e fizeram uma parada. Lá, vê-se nitidamente a diferença entre as águas do Pardo, que são transparentes e as águas mais escuras do Velhas. Inicialmente, elas não se misturam. Bancos de areia branca completam a beleza do cenário.

Boletim



Sub-bacia do Ribeirão Bicudo

A sub-bacia do Ribeirão Bicudo está localizada no centro geográfico de Minas Gerais, na margem esquerda do Baixo Velhas e abrange os municípios de Morro da Garça e Corinto, que somam uma população de 27.506 habitantes. A Expedição passou pela foz do Ribeirão Bicudo no dia cinco de outubro. Depois do Rio Cipó, o Ribeirão Bicudo é o que apresenta maior riqueza entre os afluentes que já foram pesquisados pelo Projeto Manuelzão. No Bicudo, é possível observar que junto com as cheias há também uma queda na qualidade das águas.

Sub-bacia do Curumataí

A sub-bacia do Curumataí abrange as cidades de Augusto de Lima, Buenópolis e Joaquim Felício, que somam uma população total de 19.349 habitantes. Ao passar na confluência do Rio Curumataí com o Velhas, no dia cinco de outubro, foi possível observar a presença de muita mata ciliar. O encontro ocorre no município de Augusto de Lima, na margem direita do Rio das Velhas. Apesar de ainda receber esgoto das cidades por onde passa, o Curumataí encontra-se bastante limpo. Sua cor marrom, um pouco transparente, contrasta com o verde do Velhas.

Expedição mobiliza escolas da Bacia

CAROLINA SILVEIRA

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Dos pequenos aos adolescentes, os alunos das escolas situadas na bacia do Rio das Velhas fizeram a festa com a passagem da Expedição e deixaram seu recado com músicas, poesias, danças e peças de teatro. Os temas abordados nas apresentações foram desde o desafio da descida até os problemas ambientais das regiões, com destaque também para a cultura de cada localidade. A emoção diante do encontro com os caiaqueiros era traduzida com muitos abraços e pedidos de autógrafos.

O Projeto Manuelzão trabalha com 1.377 escolas públicas municipais e estaduais em toda a bacia. A mobilização para saudar a passagem dos expedicionários resultou de uma iniciativa conjunta entre os comitês, as secretarias municipais de educação, as Superintendências Regionais de Ensino (SREs) e o sub-projeto Manuelzão vai à escola. Nas recepções, os alunos apresentaram o resultado de trabalhos desenvolvidos ao longo do ano e aqueles feitos especialmente para receber a Expedição.

Em Rio Acima, por onde a Expedição passou no dia 15 de setembro, crianças gritavam eufóricas nas telas de arame da Escola Estadual Teresinha Cosenza, localizada às margens do Rio das Velhas. "Fiquei impressionado de ver os três caiaqueiros passando na minha frente", conta o pequeno Luís Henrique Pereira, 7 anos, aluno da 1ª série. Ele disse que já tinha visto os navegadores na televisão, mas não "assim, de perto".

Na passagem dos expedicionários por Santa Rita do Cedro, região do Médio Velhas, os alunos da 1ª e

da 4ª série da Escola Estadual Modestino Carlos da Fonseca expuseram os dois livros produzidos por eles. "Estrelas do Futuro" e "Heróis do Saber" reúnem textos e desenhos sobre problemas ambientais, como lixo e poluição das águas. Na chegada em Barra do Guaicuí, no dia 11 de outubro, uma peça de teatro dos estudantes da comunidade teve como palco as ruínas da Igreja Bom Jesus de Matozinhos e resgatou a história do lugar e do Brasil.



Crianças e violeiros prestam homenagem aos expedicionários na partida em Sabará

Expedição é saudada por grupos que recriam antigas manifestações culturais

MARCO ANTÔNIO PESSOA E RÚBIA PIANCASTELLI

Estudantes de Comunicação Social da UFMG



Um canto coletivo, quase um lamento, ressoa às margens do Rio das Velhas enquanto um casal, caracterizado como rei e rainha acompanhados de sua guarda, desfilava entre os presentes. Assim foi a recepção aos expedicionários por um grupo de congando na Fazenda Jagoara Velha. As manifestações culturais e folclóricas foram uma constante durante a passagem da Expedição pela bacia. Apresentações de grupos regionais de congado, marujada, capoeira, pau-de-fita, cavallhada, folia do divino, dentre outros, receberam Roninho, Rafael e Beto. Nas diversas vilas e cidades do trajeto, a população apresentou mostras de uma antiga riqueza cultural da região.

"Pela primeira vez se conseguiu reunir todos os grupos folclóricos da cidade", afirmou a secretária municipal de educação de Raposos, Vilma Margarida Santos. Além dos grupos folclóricos, como a cavallhada e o congado, estiveram reunidos também o 1º Grupo de Peões de Boiadeiro de Raposos e uma equipe de tropeiros vestidos a caráter e

com os equipamentos que eram usados nas viagens com tropas de burros.

O Candombe de Mocambeiro, quinto mais antigo de Minas Gerais, apresentou-se na Fazenda Jagoara Velha, em Matozinhos. O grupo mantém a tradição da dança dos escravos africanos, que homenageia Nossa Senhora do Rosário. A dançarina e cantora do grupo, Helenice Moreira, diz que "o candombe é um só". "Os toques são diferentes, mas as músicas são praticamente as mesmas", completa.

O vice-rei do Congado de Minas Gerais, José Geraldo de Abreu, mostrou a tradição do grupo Reinado de Nossa Senhora do Rosário e Irmandade do Santíssimo Sacramento da cidade de Jequitibá. José Geraldo conta que começou a participar do congado há 54 anos, e que a tradição permanece: oito de seus netos fazem parte do grupo. "Encontrei a felicidade, sou um professor", diz o vice-rei.



As Guardas do Congado e do Candombe de Nossa Senhora do Rosário de Mocambeiro se apresentam na Fazenda Jagoara Velha

Músicas e poesias no caminho da Expedição

A participação de crianças e adolescentes nas atividades de recepção aos expedicionários foi marcada por uma intensa produção de textos. Em cada parada, os caiaqueiros foram recebidos com muitas cartas de incentivo e mensagens de esperança dos alunos das escolas da bacia. Um pouco das produções desses meninos e meninas pode ser conferido a seguir.

Hino do Velhas

"Ouviram do Rio das Velhas margens plácidas
De um povo ribeirinho que dele vive
E o esgoto suas águas vão poluindo
Matando tudo que nele sobrevive

Ao nosso povo pede socorro
Conseguiremos o teu leito limpar
Em teu seio até o morro
Desafia a nossa gente o esgoto limpar

Ó Velhas amado
Idolatrado
Salve! Salve!
Meu Rio das Velhas e São Francisco
Que dão a vida e alimentam nossa gente
Em tuas águas descem muito lixo
A imagem de tudo vem em mente.

Gigantes pela própria natureza
Eras belo, forte, era alegria
Do seu presente tiraram essa beleza

Leitos adorados
Entre águas mil
És do Brasil
O rios amados

Dos filhos seus águas mãe gentil
Rio amados
Do Brasil!"

ADAPTAÇÃO DO HINO NACIONAL
ESCOLA ESTADUAL DE GUAICUÍ (Barra do Guaicuí/Várzea da Palma)

"O trajeto é grande, mas o amor à água é maior. Vocês têm uma boa intenção e vão conseguir chamar a atenção das pessoas para não poluir e preservar as águas do Velhas. Desejamos muita sorte..."
LETÍCIA MÁRCIA E RUAN MITCHEL, ESCOLA MUNICIPAL GERALDA ISA LIMA RODRIGUES (Jaboticatubas)

"Saibam que estaremos sempre com vocês. Mesmo com a distância aumentando, estaremos de coração acompanhando vocês durante toda a Expedição, torcendo que o objetivo do Projeto Manuelzão seja alcançado"
"OS CORUJINHAS", ESCOLA MUNICIPAL DE NOVA UNIÃO (Nova União)

"Amigos companheiros desta escola
É com amor e alegria
Que cantamos pra vocês
Juntos, nós queremos que este dia
Seja só de alegria
Para nós e pra vocês

É importante amigos
A sua presença
Nos anima e incentiva
E nos deixa contentes

Volte sempre amigos
Nós vamos ficar esperando... "

ADAPTAÇÃO DE BALÃO MÁGICO
ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO MALDINI (Beltrão/Corinto)

"Esta expedição que vocês estão fazendo é muito importante, porque vocês estão dando uma grande lição e quando formos grandes podemos fazer a mesma coisa. A Expedição é um gesto de amor ao rio e seus habitantes. Desejamos-lhe boa sorte."
THAÍS E ERIKA GRASIELA, ESCOLA MUNICIPAL GERALDA ISA LIMA RODRIGUES (Jaboticatubas)

Homenagem de um violeiro

JONAS RODRIGUES
Estudante de Comunicação Social da UFMG

A passagem da Expedição pela Vila de Vera Cruz foi marcada pela presença de um personagem ilustre, até então desconhecido por nossa equipe. Naquele pequeno vilarejo, habitado por gente simples, um violeiro fez sua viola "chorar", em uma bela homenagem aos expedicionários. Era Nelson Jacó, 72 anos, morador da cidade de Jequitibá, um dos mais conhecidos violeiros da região. Depois de ouvi-lo tocar e cantar, não foi difícil entender por que o compositor Chico Lobo o chama de mestre.

Apesar da riqueza de seus versos, a canção composta por Jacó parece não ter lhe dado muito trabalho. Sua filha Raquel, de 16 anos, conta que, no dia em que a Expedição passaria por Vera Cruz, o pai passou o dia murmurando pela casa. Só mais tarde foi entender que ele compunha naquele dia sua homenagem à Expedição. Jacó ainda esteve presente na passagem da Expedição por Jequitibá e na chegada à Barra do Guaicuí, acompanhado de sua família. Os próprios versos de sua canção demonstram que o violeiro sabe muito bem da importância da revitalização do Rio das Velhas para o São Francisco: "Quanto mais cuidar das águas/bem mais limpa as água desce/Tudo que fizer por elas/São Francisco agradece".



Nelson Jacó

Boletim



Foz do Rio das Velhas

O Rio das Velhas desagua no São Francisco em Barra do Guaicuí, distrito de Várzea da Palma, levando esgoto, lixo e resíduos industriais de várias cidades da bacia. No trecho final já se nota uma recuperação do Velhas devido aos processos de auto-depuração, com o recebimento de afluentes com águas de boa qualidade.

Dourado, surubim, piau, matrinhã e traíra são as principais espécies de peixes encontradas na região. No passado, o local foi um importante ponto de pesca amadora e profissional. O Índice de Qualidade das Águas, medido pelo Igam, na foz é médio e a contaminação por tóxicos é considerada alta.

Ventania canta a Expedição

SÍLVIA ARAÚJO
Estudante de Comunicação Social da UFMG

Em Santo Hipólito, Baixo Velhas, os expedicionários receberam uma homenagem especial. Manuel Ventania, morador e nativo da comunidade do Salobo, cantou uma música que ele escreveu para os navegantes e a equipe de apoiadores da Expedição.

Manuel Ventania nasceu no natal de 1952 e sua mãe dizia que por isso ele teria um dom de Deus. Para ele, esse dom que recebeu é cantar e compor. Manuel já compôs mais de 90 músicas e até o apelido "Ventania" foi recebido por causa de uma de suas canções.

Manuel Ventania conheceu o Projeto Manuelzão por meio de sua filha que ouviu falar da Expedição na escola e pediu para ele compor uma música. Na festa organizada pela Prefeitura de Santo Hipólito para os expedicionários, no dia três de outubro, a música de Ventania fez muito sucesso. A população local e os navegantes pediram bis.



Manuel Ventania canta para os navegantes e a população

ETE Jequitibá

A passagem da Expedição por Jequitibá, em 24 de setembro, marcou a inauguração da ETE (Estação de Tratamento de Esgoto) do município. Durante a solenidade, que fez parte das atividades de recepção aos expedicionários, o prefeito, Walter Fidélis Diniz, falou do privilégio de cumprir esse compromisso em um dia tão especial.

O Ribeirão Jequitibá localiza-se na margem esquerda do Médio Rio das Velhas e atravessa os municípios de Funilândia, Prudente de Moraes, Sete Lagoas e Jequitibá. Lançamento de esgoto, atividades siderúrgicas e de mineração contribuem para a degradação de suas águas. Em Jequitibá, a ETE deve atender de 1.800 a 2.000 moradores.



Inauguração da ETE Jequitibá

Caminhada ecológica

Com o objetivo de conscientizar a população sobre a importância da preservação do meio ambiente, o Comitê Manuelzão do Córrego do Navio realizou caminhada ecológica da Mata da Baleia até a avenida Belém, região leste de Belo Horizonte no dia 26 de outubro.

Dezenas de pessoas se concentraram na Praça da Igreja da Pompéia para participar da caminhada. Elas fizeram o trajeto margeando o Córrego do Navio, sendo possível ver a beleza de nascentes, na Mata da Baleia, e acompanhar o processo de degradação que o curso d'água sofre ao longo de sua extensão.

Na Praça da Pompéia, durante todo o dia, a tradicional feira de cultura local contou com exposição de trabalhos de educação ambiental do Projeto Manuelzão, Copasa e Polícia Militar do Meio Ambiente.

Globo Rural

Uma equipe de reportagem do Globo Rural acompanhou a Expedição Manuelzão desde o Rio das Velhas. Confira nos programas dos dias 28 de dezembro deste ano e 4 de janeiro do ano que vem, às 8 da manhã, as matérias sobre a viagem e a bacia do Rio das Velhas.

Ribeirões Arrudas e Onça ganham comitês

Os Ribeirões Arrudas e Onça terão agora seus próprios comitês de bacia hidrográfica. O seminário de constituição do Comitê do Onça aconteceu no dia 27 de novembro, no auditório da Faculdade de Letras da UFMG. O Comitê Arrudas será criado oficialmente no dia 13 de dezembro, na Faculdade de Medicina, também por meio de um seminário. Os dois comitês serão formados por integrantes do poder público, representantes da sociedade civil e por usuários de água. O Projeto Manuelzão está ajudando na criação e participará como representante da sociedade civil. Os comitês Manuelzão de córregos que deságuam no Arrudas e no Onça também devem participar.

Criado comitê do Córrego Leitão

Despertar a consciência ambiental da comunidade. Com esse objetivo, foi criado o Comitê do Córrego Leitão no Aglomerado Santa Lúcia, em Belo Horizonte, no dia 20 de novembro. A reunião contou com a participação de membros da prefeitura, Copasa, escolas, centros de saúde locais e associações de moradores.

O evento marcou a abertura das Três Semanas de Paz e Cidadania - organizada

pela Paróquia Nossa Senhora do Morro. O Córrego Leitão abastece os bairros Santo Antônio, São Bento e Vila Paris, da região Centro-Sul de Belo Horizonte. O excesso de lixo na região é um dos problemas que ameaçam as nascentes do córrego e deve ser uma das linhas de atuação do novo comitê.

Premiando a Educação

Foi com muita animação e entusiasmo que as professoras e professores ganhadores do concurso Premiando a Educação receberam suas homenagens. A solenidade de entrega dos prêmios, que contou com aproximadamente 65 pessoas, aconteceu no dia 18 de outubro na pousada Monjolos, na Serra do Cipó. Vinte projetos de 16 escolas e toda a bacia foram premiados.

Premiando a Educação é um concurso de projetos na área da educação ambiental promovido pelo Projeto Manuelzão e a Secretaria de Estado da Educação. Durante a cerimônia cada grupo de professores pôde expor um pouco do projeto que desenvolveu. Os professores receberam, além dos certificados, dois dias de hospedagem nas pousadas Monjolos e Canto das Águas.

Na solenidade também foi apresentado um novo programa de gestão ambiental desenvolvido pelo Manuelzão para as escolas. O programa apresenta vários eixos temáticos, tais como água, áreas verdes, qualidade de vida e saúde. Cada escola vai poder decidir que eixo trabalhar de acordo com sua realidade.

Comitê Manuelzão em General Carneiro

Foi criado no dia 24 de novembro, o Comitê Manuelzão de General Carneiro, que faz parte da sub-bacia do Ribeirão Arrudas.

A solenidade aconteceu na Igreja São José Operário, reunindo membros da comunidade, órgãos públicos e empresas privadas.

O bairro General Carneiro, de Sabará, é o local da foz do Ribeirão Arrudas no Velhas. A região enfrenta sérios problemas ambientais, dentre eles, a existência de um bota-fora, que está assoreando o ribeirão e causando a mudança de seu curso. A águas do Arrudas estão invadindo a rua Carvalho de Brito, em função dessa mudança.

Esse e outros problemas foram levantados no seminário de inauguração do comitê, onde houve também a apresentação da metodologia de trabalho do Manuelzão.

Presente para o Rio das Velhas

JONAS RODRIGUES

Estudante de Comunicação Social da UFMG



Dona Helena e os expedicionários com o peixe de pano

Em meio às apresentações culturais que marcaram a passagem da Expedição por Funilândia, uma figura muito especial conseguiu roubar a cena. Era Dona Helena Fernandes, 73 anos, esposa de Álvaro Lourenço Fernandes, que foi prefeito da cidade por oito anos. Algumas horas antes da chegada dos expedicionários, Seu Álvaro disse ter um caso emocionante para contar.

Chegada a noite, foi Dona Helena quem contou a tão esperada história. Disse que o marido não conseguiria contá-la sem se emocionar. A história fala de um famoso pescador da região, chamado Zé Lupinho, que vendeu ao armazém do pai de Seu Álvaro, o Coronel Evaristo Fernandes, um loango de mais de um metro e meio. O peixe era tão grande, que o coronel precisou de uma machadinha para conseguir abrí-lo.

Para provar a veracidade do fato, Dona Helena levou a machadinha usada pelo coronel, assim como o livro em que ele anotava as compras de seu armazém. Ela mandou ainda fazer um loango de pano, com o qual presenteou os expedicionários. Eles prometeram seguir com o peixe até a chegada em Barra do Guaicuí, e assim o fizeram, levando-o no carro de apoio. Mais que uma lembrança de Funilândia e de Dona Helena, o loango se tornou o símbolo daquilo que sintetiza o objetivo do Projeto Manuelzão: a volta do peixe a Rio das Velhas.

Transposição do São Francisco gera polêmica

Especialistas apontam falhas no projeto do governo para resolver o problema da seca no Nordeste

CAROLINA SILVEIRA E SÍLVIA ARAÚJO

Estudantes de Comunicação Social da UFMG

Imagine o cenário: parte da água de um rio é bombeada e levada para outro através de 2.000 km de canais artificiais, com um gasto de energia superior à produzida na usina de Três Marias e custo estimado em bilhões de dólares. Longe de ser uma ficção, essa é uma obra que pode ser implementada pelo governo em breve. Debates estão sendo realizados em quase todos os estados da bacia do São Francisco e diversas entidades já se posicionaram contrárias à iniciativa, como o Projeto Manuelzão.

A transposição das águas do São Francisco é apresentada como uma alternativa aos problemas da seca que atingem o Nordeste do país. O projeto prevê a transferência de 3% das águas da bacia para a região do semi-árido, através de canais ou túneis artificiais, além da construção de barragens em outros afluentes da bacia, como o Rio das Velhas, para regularizar a vazão do São Francisco. O principal ponto de transposição seria na região do município de Cabrobó, entre Pernambuco e Bahia, após a Barragem de Sobradinho.

Aqueles que se posicionam contrários à transposição apontam uma incompatibilidade entre os objetivos colocados pelo governo e o real aproveitamento que pode ser feito dessa água. Além de não matar a sede da população, a finalidade produtiva, como a de irrigar plantações, também é comprometida pelo alto custo de manutenção das obras.

Em Minas Gerais, o vice-presidente José Alencar participou de um ciclo de debates na Assembleia

Legislativa no dia 21 de outubro. Diversas entidades participaram das discussões. A revitalização esteve em pauta, muitas vezes colocada como "condição" para se transpor o Velho Chico.

Apolo Heringer, coordenador geral do Projeto Manuelzão e presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas, enfatiza que a revitalização deve ser desvinculada da proposta de transposição. Segundo ele, "a revitalização é um bem em si mesma" e deve ser feita "obrigatoriamente". Já a transposição do São Francisco, para ele, é inviável sob todos os aspectos. "Além do mais tem gente passando fome a poucos metros do São Francisco", completa.

Porém, Apolo acredita que os comitês de bacia não terão poder para impedir que a transposição seja implementada. "O que o comitê pode fazer é uma ampla mobilização social e criar um constrangimento para a aprovação dessa proposta". As questões levantadas no debate na Assembleia Legislativa serão incluídas em um relatório, que José Alencar se comprometeu a entregar ao Presidente.

A seca como apelo

Desde de que a seca nordestina passou a ser abordada pela imprensa, especialmente nos telejornais, despertou-se um sentimento de solidariedade de todos os brasileiros com o sertanejo. É nesse clima que a proposta de realizar transposições no Rio São Francisco é colocada, pelo Governo Federal, como alternativa para solucionar o problema da seca.

O geólogo Édezio Teixeira explica que o projeto não resolve a questão. Segundo ele, na proposta do governo a água seria distribuída por 10 km para a esquerda e 10 para direita, por canais de 2.000 Km de comprimento. No total, são 40.000 km², o que corresponde a menos de 10% do que se alega ser a área carente de água.

"O que acontece se você coloca água jorrando sem parar numa região semi-árida?": Edézio sugere que pode haver uma "corrida pela água" dos nordestinos não contemplados com a transposição. Isso provavelmente vai trazer, segundo ele, um aumento das carências do povo sertanejo que se deslocar.

Assim, em pouco tempo, o crescimento populacional na área drenada irá produzir uma maior demanda por água. Esse aumento irá pressionar a realização de mais transposições para alimentar o canal e, conseqüentemente, vai se gastar muito mais energia elétrica. "Será um processo irreversível, depois não dá pra mandar as pessoas de volta", alerta o geólogo.

Três condições

O ex-professor da Universidade Federal de Viçosa e especialista em hidrologia, irrigação e drenagem, Alberto Daker, aponta três condições que devem ser atendidas para que haja uma transposição e os aspectos que inviabilizam a iniciativa no São Francisco.

1º ponto: A bacia doadora deve ter um curso d'água volumoso e terras que não sirvam para a irrigação.

Situação do São Francisco: existe na própria bacia uma grande demanda para suas águas, que correm em grandes extensões de terras cultiváveis.

2º ponto: A bacia receptora precisa ter muita terra irrigável e carência de água.

Situação da área beneficiada: a área que será atendida com as águas da transposição corresponde a apenas 10% da região atingida pela seca. Daker afirma que existem mais de 400 açudes públicos de grande porte no nordeste. Segundo ele, são necessárias pequenas obras para a distribuição dessa água para o uso domiciliar e aproveitamento em irrigação.

3º ponto: A obra deve ser economicamente viável.

Custo da transposição: Além dos gastos com a construção da obra, que inclui 2000 km de canais artificiais, barragens em cinco afluentes do São Francisco, dentre outras intervenções, a questão mais crítica é o gasto de energia. Para realizar a transferência, as águas terão que ser bombeadas a mais de 165 metros de altura. Com o agravante de que essa água será retirada antes de gerar energia nas usinas hidrelétricas situadas após o ponto de bombeamento. Segundo os planos do governo, a transposição será feita apenas nos períodos de escassez de chuva. Isso significa que quando não estiver chovendo, haverá ainda um gasto de manutenção para manter uma obra parada.



Rio São Francisco em Minas Gerais, estado que fornece 75% das águas da bacia

Médico, escritor e navegante

Eugênio Goulart, professor da UFMG, ajudou a organizar a Expedição e agora prepara o livro que trará o registro da viagem

CAROLINA SILVEIRA

Estudante de Comunicação Social da UFMG

Durante a Expedição Manuelzão desce o Rio das Velhas, foi possível constatar a singular importância da participação de cada membro da equipe. Uma das contribuições fundamentais foi dada pelo professor Eugênio Goulart, que se envolveu em uma série de atividades. Resultado: uma permanente fonte de conhecimento das histórias e dos lugares e uma figura serena nos momentos de tensão.

Eugênio Goulart é professor do Departamento de Pediatria da UFMG e também clínica desde que se formou, há 30 anos. Seu envolvimento com o Projeto Manuelzão ocorreu de forma mais efetiva neste ano. Eugênio foi convidado pelo professor Apolo Heringer para coordenar o livro que fará o registro da Expedição e uma coletânea de capítulos escritos por especialistas de diversas áreas. A obra, intitulada "Navegando o Rio das Velhas das Minas aos Gerais", deve ser lançada em março.

A intimidade com as letras foi a porta de entrada de Eugênio na Expedição. Em 2001, ele publicou o livro "Nos ermos e nas brumas da Serra do Espinhaço". O universo da escrita é, sem dúvida, uma presença marcante na família do professor, que é sobrinho-neto do poeta Carlos Drummond de Andrade. "Para mim, antes dele ser o nosso poeta-maior, é o meu Tio Carlos", conta.

Serra do Espinhaço

Explorar montanhas para resgatar histórias. O grande conhecimento das regiões de Minas Gerais é resultado das muitas viagens de Eugênio e da paixão pela Serra do Espinhaço. Desde a juventude, ele faz caminhadas e acampamentos nas montanhas mineiras, descobrindo suas riquezas por meio da leitura de naturalistas antigos, que passaram pela região no início do século XIX.

Eugênio sempre morou em Belo Horizonte e diz que prefere o trabalho ao ar livre, o provável motivo de sua dúvida na hora de fazer o vestibular. Indeciso entre Biologia e Medicina, ele acabou optando pela carreira médica. Mas se fizesse vestibular hoje, conta, seria para

"O convívio com a equipe, o sentimento de união, a receptividade das pessoas e a esperança de que as coisas dêem frutos". Dessa forma, Eugênio define o significado da Expedição.

Biologia. Os filhos, que desde pequenos o acompanham nas caminhadas, desenvolveram o mesmo interesse do pai. Maíra, de 24 anos, se formou no ano passado em Biologia e Fernando, de 21, se forma este ano no mesmo curso.

Expedição

Mesmo para o conhecedor das montanhas, a riqueza natural e humana encontrada pela Expedição surpreendeu. "Uma coisa me tocou bastante, nós não vimos miséria, mas sim um povo pobre muito orgulhoso da sua cultura", afirma. Para ele, a Expedição passou por lugares que eram um mundo à parte. Mesmo próximo à Belo Horizonte, as comunidades têm uma cultura muito própria que vence a influência da cidade.

O convívio com a equipe, o sentimento de união, a receptividade das pessoas e a esperança de que as coisas dêem frutos. Dessa forma, Eugênio define o significado da Expedição e parabeniza o espírito de solidariedade que marcou a equipe. "Você vê as fotos, os filmes, dá saudade".

Eugênio revela ter uma grande admiração pelo Projeto Manuelzão e um envolvimento de muito tempo com o professor Apolo, de quem foi companheiro nos difíceis anos da ditadura. Para ele, o Projeto resgata um pouco do sonho das antigas lutas: o de dar uma contribuição para um mundo que precisa de consertos.



Parceria e patrocínio			
Parceria e colaboração			

SEDE DO PROJETO MANUELZÃO

Faculdade de Medicina
da Universidade Federal de Minas Gerais
 Departamento de Medicina Preventiva e Social
 Internato em Saúde Coletiva

Av. Alfredo Balena, 190 - 10º andar
 sala 10.012 - Santa Efigênia
 CEP 30130-100 - Belo Horizonte
 Minas Gerais - Brasil
 Site: www.manuelzao.ufmg.br
 E-mail: manuelzao@manuelzao.ufmg.br

IMPRESSO